

ELEMENTOS PARA UMA COMPREENSÃO DO ALTAR CRISTÃO

*Prof. Me. Gabriel Frade**

RESUMO

O artigo, partindo de alguns dados ofertados pela história e pelo universo bíblico, quer oferecer uma visão sintética sobre o altar cristão. Tal visão deveria oferecer apenas alguns elementos que podem colaborar na compreensão do altar enquanto monumento, mas também enquanto símbolo sacramental de Cristo sempre presente à sua Igreja.

Palavras chave: *Altar. Concílio Vaticano II. Ritual de Dedicção de Igreja.*

ABSTRACT

The article, starting with some data offered by history and the Biblical universe, wants to offer a synthetic view on the Christian altar. This vision should offer a few elements that can contribute to the understanding of the altar as a monument but also as a symbol of the sacramental Christ always present to his Church.

Keywords: *Altar. Council Vatican II. Rite of Dedication of a Church.*

INTRODUÇÃO

“O altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia”. (IGMR, n°. 296).

O enunciado descrito acima e proposto pela Instrução Geral do Missal Romano (IGMR), revela a significação variada do altar cristão. Ele, altar, é apresentado como “ara” onde se realiza o memorial do “*sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais*”; é também descrito como “*mesa*”, para a qual

* Prof. Gabriel Frade, graduado em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma) e Mestre em Liturgia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (SP).

os fieis são convidados pelo Senhor para o banquete místico; além disso, a aproximação dos fieis a essa mesa deve ser feita com alegria, já que o altar é designado igualmente como “*centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia*”.

Esse significado variado apresentado pela IGMR reflete o amor e a veneração com as quais inteiras gerações de cristãos se voltaram para o altar, por aquilo que ele significa e representa. Por outro lado, a mesma afirmação mostra que a compreensão cristã do altar, especialmente enquanto monumento, não foi unívoca. Do ponto de vista histórico, a compreensão sobre o altar conheceu uma evolução a qual se faz necessário compreender, pois desse itinerário evolutivo deriva em boa parte o entendimento teológico sacramental que a Igreja possui sobre o altar.

1. FENOMENOLOGIA E ETIMOLOGIA

Não cabe, neste texto, uma análise mais extensa sobre a fenomenologia do altar dentro do âmbito antropológico-religioso. Queremos apenas oferecer um ou outro indicativo que possam ajudar a situar o altar dentro do marco da história humana. Sendo assim, como se sabe, o uso de um altar num rito religioso não é absolutamente prerrogativa exclusivo do Cristianismo. Normalmente as religiões que possuem ritos mais desenvolvidos, em geral possuem um local especial que serve de ligação com a divindade,¹ um *axis mundi*,² onde eventualmente pode ocorrer o sacrifício da vítima ou, mais comum, seu oferecimento através do processo de cremação.³

¹ A propósito do altar como eixo que liga o mundo divino ao mundo humano, Mircea Eliade reproduz um texto muito interessante das tradições religiosas védicas: “Tudo isso sobressai com muita clareza do ritual védico concernente à tomada de posse de um território: a posse torna-se legalmente válida pela ereção de um altar do fogo consagrado a Agni. ‘Diz-se que se está instalado quando se construiu um altar de fogo (gârhatpatya), e todos aqueles que constroem um altar do fogo estão legalmente estabelecidos’. (Shatapatha Brâhmana, VII, I, I, 1-4). *Pela ereção de um altar do fogo, Agni tornou-se presente e a comunicação com o mundo dos deuses está assegurada: o espaço do altar torna-se um espaço sagrado [grifos meus]*”. ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins fontes, 2008, p. 33.

² “Eixo do mundo”. Também para as idéias de um “centro”, de um local propício para a comunicação com a divindade, indicamos a obra já citada de Eliade. ELIADE, op. cit., pp. 38ss.

³ Em alguns casos a vítima era imolada sobre o altar. Era o que ocorria com alguns sacrifícios humanos feitos na meso-América e narrados pelas crônicas coloniais. Ao que parece,

Para o que diz respeito à etimologia de *altar* e *ara*, apesar de várias discussões entre os especialistas,⁴ parece que estes termos implicam na idéia de uma plataforma elevada na qual se queima a vítima. Numa distinção de caráter mais amplo sobre “altar” e “ara”, podemos supor que o mundo clássico designasse geralmente com a palavra “altar” um objeto de grandes dimensões,⁵ reservado para o culto aos deuses maiores do panteão greco-romano. Já a “ara” seria o pequeno altar reservado aos deuses menores.⁶

Dentro deste esquema geral, os templos greco-romanos possuíam normalmente dois altares: um em seu interior que servia para a queima de incenso e para as orações; e outro que ficava na parte externa, diante do Templo (*pró-fanum*). O altar interno, em geral, designado como *ara* e, como já afirmado – de menores dimensões – ficava situado diante do simulacro do deus; sobre ele queimavam-se as ofertas de incenso. O outro altar externo tinha maiores proporções e era utilizado para a queima das vítimas ofertadas pelos fiéis, para conseguir o beneplácito da divindade.⁷ No caso das ofertas que não eram queimadas – bebidas, comidas, flores, etc. – estas eram dispostas dentro do templo sobre uma *mensa*,⁸ isto é, uma mesa que era colocada próxima à estátua da divindade.

nestes casos as vítimas não eram cremadas. Quando o sacrifício envolvia o processo de cremação, caso mais comum, não se imolava a vítima sobre o altar principalmente por motivos práticos: seu sangue molharia a lenha e dificultaria o processo de combustão. Cf. MOHR, Gerd Heinz. *Dicionário dos Símbolos*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 15.

⁴ “O vocábulo altar está composto por um adjetivo, ou por um particípio, e de um nome: *alta* – *ara*. Com efeito, a primeira parte do termo poderia derivar tanto do adjetivo latino *altus/a/um*, quanto do particípio do verbo *alere* (= nutrir)”. RENAUD-CHAMSKA, I. *Les figures de l'autel em regime chrétien*. Apud GATTI, Vincenzo. *Liturgia e Arte*. Bolonha: Centro Editoriale Dehoniano, 2002, p. 113.

⁵ Quanto às dimensões do altar pagão, estas variavam muito. Há notícias, por exemplo, de um antigo altar construído na cidade de Siracusa, na ilha da Sicília, com dimensões impressionantes. As análises arqueológicas demonstram que este altar possuiria 199 metros de comprimento por 23 metros de largura! Teria sido construído no III século a. C. para celebrar uma vitória na cidade e aí teriam sido sacrificados até 450 bois simultaneamente.

⁶ Cf. AROCENA, Félix Maria. *El Altar Cristiano*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2006, p. 22.

⁷ Quanto ao sacrifício de animais no culto sacrificial do mundo pagão, é famoso o episódio narrado na *Apologia* sobre a morte de Sócrates, quando este, ao final de sua vida, pede aos amigos que um galo seja sacrificado em honra do deus Esculápio.

⁸ *Mensa*, em latim é o termo equivalente ao grego *trápeza* e indica a mesa onde ocorriam as refeições familiares. Provavelmente o vocábulo derive da palavra latina *metior*, isto é, medir, dividir, distribuir.

Também a religião judaica conhece o uso de altares. O mais famoso deles⁹ encontrava-se no Templo de Jerusalém. Tratava-se do grande altar dos holocaustos,¹⁰ onde as vítimas eram oferecidas a Deus através de sua combustão. Outro processo semelhante envolvendo um altar ocorria ainda no Templo, no chamado altar dos perfumes, famoso dentre outras coisas por ser o local onde Zacarias (Lc 1,8-25) teve a visão do anjo: aí, todos os dias, era oferecida por meio de um sacerdote certa quantidade de incenso, a qual era posta a queimar sobre esse altar feito de ouro. Além desses dois altares, no Templo havia também a mesa dos pães da proposição onde eram colocados pães que ficavam diante do santuário.

Embora o Cristianismo também conheça o artifício do altar, seja em relação ao antigo Israel, seja também em relação ao mundo pagão, dele faz um uso particularíssimo. Uma afirmação lapidária e que serve como distinção entre o altar cristão e altar pagão nos é apresentada pelo insigne liturgista italiano Enrico Mazza:¹¹

Existe uma notável diferença entre o altar pagão e aquele cristão: o primeiro, à diferença do segundo, serve para queimar a vítima. O primeiro, pelo menos no mundo clássico, é normalmente um *cippus* [meia coluna, espécie de estela] com uma forma particular, que serve para sustentar as achas de madeira sobre as quais será posta a vítima que deve ser queimada. O

⁹ É preciso lembrar que antes ainda do advento do Templo, o AT fala de diversos tipos de altar construídos de diversas formas e diversos materiais para prestar culto a Deus (ver, por exemplo, o altar feito de terra em Ex 20, 24). Exemplos de altares antigos são encontrados em algumas passagens do AT, como, por exemplo, o altar feito por Abraão (Gn 12,7 e 13,14-18); por Noé (Gn 8,20); por Elias sobre o Carmelo (1Rs 18,30), etc. Para uma visão geral sobre esses altares antigos, veja-se VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 444 ss.

¹⁰ Joachim Jeremias em seu trabalho clássico diz que as medidas da parte superior do altar eram, segundo a *mishná*, de 32x32 côvados. A Bíblia de Jerusalém nos dá para o côvado romano a medida de 45 cm, sendo que o côvado mais antigo (sistema filariano ou côvado de Ezequiel) media um pouco mais (52,5 cm), isso significa que a plataforma do altar dos holocaustos deveria medir entre 14,4 x 14,4 metros ou 16,8 x 16,8 metros. Cf. JEREMIAS, J. *Jerusalém no Tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 114ss. Ver também *Pesos e Medidas*, in VAUX, op. cit., pp. 233 ss. Ver ainda as medidas menores propostas para o altar do segundo Templo em 2Cr. 4,1.

¹¹ O Professor Pe. Enrico Mazza leciona história da liturgia em diversas faculdades italianas e dentre estas, no Pontifício Ateneu Santo Anselmo (Roma). Destacou-se pelos seus longos e profundos estudos sobre a origem das orações eucarísticas. Infelizmente, até o momento suas obras ainda não foram publicadas no Brasil.

segundo, ao invés, está sempre guarnecido com uma toalha, fato que nos reenvia necessariamente à mesa e ao banquete. [...] No cristianismo [...] é chamado de altar o lugar da refeição ritual, ou seja, o lugar da manducação. A explicação deste fato encontra-se na própria origem do rito cristão que se desenvolve sobre o altar: a celebração eucarística.¹²

Diante desta distinção, ainda que lacônica, fica bastante claro que para encontrar os elementos que estão na origem do altar cristão e de sua peculiaridade devemos conhecer seus pressupostos imediatos no mundo bíblico.

2. O ALTAR NA BÍBLIA

O AT, para designar o altar, utiliza a palavra hebraica *mizbeah*, a qual traz em sua raiz a idéia de “imolar em vista de um sacrifício”.¹³ A versão grega dos LXX traduz o conceito relativo ao altar em maior medida com a palavra *thusiastérion* e raríssimamente com *bomós* – que a edição latina da Vulgata traduz respectivamente como *altare* e *ara*. Ainda na tradução dos LXX temos o termo grego *trápeza* para indicar a mesa dos pães da proposição que ficava diante do *sancta sanctorum*, sendo que este termo é traduzido pela Vulgata como *mensa*. Ou seja, a tradução latina da Vulgata segue a tendência já apresentada pela versão dos LXX, prefere fazer distinções, reservando a palavra *ara* para indicar os altares dos pagãos e *altare* como referência para o altar dedicado ao verdadeiro Deus de Israel. A palavra *mensa* é reservada para indicar a mesa dos pães da proposição (Ex 25,23ss), aparecendo também em Ezequiel com referências ao altar (Ez 41,22; 44,16).

O NT mantém as distinções. Apenas uma única vez o NT usará o termo grego *bomós* (em latim *ara*), para indicar o altar pagão dedicado ao deus desconhecido: trata-se do famoso episódio que narra o discurso de Paulo no Areópago (At 17,22 ss). Seguindo o espírito do AT, o NT continua preferindo a palavra grega *thusiastérion* (*altare*, em latim) para indicar, por exemplo, o altar do Templo vétero-testamentário.

¹² MAZZA, Enrico. *Altare Pagano e Altare Cristiano* in VV. AA. *L'Altare*. Magnano (Itália): Qiqajon, 2005, p. 57.

¹³ VAUX, op. cit., p. 444.

O termo *mensa* (*trápeza*) indica genericamente, como já acenado, a mesa dos pães que ficavam diante de Deus no Templo, mas era a palavra empregada para a mesa familiar comum, onde as pessoas normalmente faziam suas refeições. Este termo é o preferido pelos Evangelistas para designar um dos momentos chave da vida de Jesus: quando o Mestre se assenta à *mesa* (*trápeza*) com os seus discípulos para celebrar a sua ceia derradeira (Mt 26, 20). Essa mesa eucarística nos é apresentada por Paulo, na sua carta aos Coríntios (1Cor 10,21), como a mesa do Senhor (*mensa Domini*), lugar reservado para a celebração da ceia do Senhor (*coena Domini*) por aqueles irmãos da comunidade que romperam as relações com a mesa pagã, esta última apresentada por Paulo na perícopes como lugar de idolatria.

Ao que parece, a terminologia do NT ao enfatizar o termo *mesa* para indicar o altar, aponta para uma polêmica cristã contra o culto idolátrico pagão e, ao mesmo tempo, uma tomada de distância do culto sacrificial realizado no Templo pelos judeus. Com efeito, na medida em que a comunidade cristã vai tomando consciência da novidade da mensagem de Jesus, paradoxalmente vão aumentando as distâncias em relação ao culto judaico.

De fato, o autor da carta aos hebreus move-se nessa perspectiva. Esse autor constrói um pensamento a partir de categorias culturais hebraicas para afirmar que Jesus, em relação à Antiga Aliança, embora não sendo de linhagem sacerdotal, é efetivamente o sacerdote novo (Hb 5,1-10), aquele que na sua pessoa inaugura um culto novo, peremptório, posto que Ele é o altar (Hb 13,10-12) e igualmente a vítima definitiva (Hb 9,15-28), a qual restaura finalmente as relações entre os homens e Deus.¹⁴

O próprio Jesus, de certo modo, ao longo do exercício de seu ministério havia lançado as bases para esse distanciamento da comunidade cristã em relação ao culto judaico realizado no Templo, dada a constante materialização deste último. Os episódios da expulsão dos vendilhões do Templo (Mt 12-13), as citações de passagens dos profetas do AT feitas por Jesus denunciando o culto vazio (Mc 7,6-7) e, finalmente, a proclamação da superação do Templo (Jo 2,19) pela própria pessoa do Mestre, mostram que Jesus proclamava o ideal de um culto a Deus feito em “espírito e verdade”

¹⁴ Para as questões referentes ao sacerdócio e o culto da Nova Aliança e suas implicações com a Antiga Economia na carta aos hebreus, veja-se o texto clássico do Padre Vanhoye: VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo*. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

(Jo 4,23); o que não significa de per si um culto que desdenhe necessariamente a materialidade.¹⁵

3. O ALTAR NA IGREJA ANTIGA

Se a terminologia utilizada pelo NT para designar o altar, onde se celebra a eucaristia, é *mensa*, pois aí se celebra a *coena Domini*, fica claro que o cristianismo nascente prefere sublinhar a novidade de seu culto, do momento que evita utilizar a palavra *altare* no contexto da celebração da eucaristia:

Neste texto [1Cor 10,21] a mesa da liturgia eucarística não possui um nome próprio e não se chama *altar*; é ainda definida por aquilo que ela é: uma *mesa*, mas com um significativo aperfeiçoamento: *do Senhor*. Este aperfeiçoamento cria um importante paralelo com a celebração eucarística que é definida como “ceia do Senhor” (1Cor 11,20). Isto significa que a mesa da celebração é qualificada pelo uso ao qual ela está deputada: celebrar a “ceia do Senhor”; por isso a mesa vem a ser a “mesa do Senhor”. Deste fato nasce uma certa unidade entre a celebração eucarística e a mesa sobre a qual a eucaristia é celebrada, de modo que a concepção da eucaristia se reflete sobre a concepção da mesa da celebração.¹⁶

Porém, o fato é que o nome mais usual para os cristãos, desde épocas antigas, para designar a *mensa* onde se celebra a eucaristia é *altare*. Isso deriva em grande medida do culto cristão por excelência, a eucaristia, ser uma ceia; não no sentido de uma refeição qualquer, mas de ser a ceia do Senhor, que tem sua essência também no fato de ser efetivamente um sacrifício: mas o que é a eucaristia? Desde a primeira geração cristã a eucaristia foi chamada de sacrifício. Deste termo nasce uma conseqüência: se a “ceia do Senhor” é um *sacrifício*, a “mesa do Senhor” é o “*altar*”.¹⁷

Já nos primeiros escritos da era pós-apostólica, em torno do ano 197 d. C., o cristão Minúcio Félix escrevia no seu *Octavius: Delubra et aras non*

¹⁵ Não podemos esquecer que o mesmo Jesus que aponta para a espiritualização do culto, é o mesmo que dá o mandamento aos seus discípulos: “*fazei isto em minha memória!*”. Jesus pede aos discípulos para celebrar o mistério pascal de forma ritual (Lc 22,19).

¹⁶ MAZZA, op. cit., p. 58

¹⁷ Idem.

habemus (Não possuímos nem santuários nem altares).¹⁸ Ele se referia às *aras* pagãs, que certamente não podiam ser comparadas ao *altare* cristão, que é a *mensa Domini*. A consciência viva de que o altar cristão é a mesa do Senhor, se traduziu nos primeiros séculos no material usado para a confecção dos primeiros altares cristãos: a madeira.

Assim, pois, nada ou quase nada se poderá dizer em relação ao altar antes do século III. Somente ao final desse mesmo século – começando no Oriente – iniciou-se a empregar uma mesa eucarística como lugar sagrado inamovível. [...] Na África pró-consular do século IV ainda eram de madeira os altares que os donatistas devastavam, utilizando dessa mesma madeira para esquentar a água que deitavam dentro dos cálices. Agostinho narra a violência perpetrada pelos donatistas contra Maximiano, bispo de Bagai, golpeado com as travessas do altar junto ao qual ele havia se refugiado.¹⁹

Somente entre o III e o IV século, aproximadamente, é que surge o altar de pedra e, provavelmente, seu surgimento esteja relacionado com o aparecer das primeiras heresias, como aquela do gnosticismo que com seu desprezo pela matéria, acabou por levar os cristãos a defenderem a bondade da própria criação aos olhos de Deus, acentuando alguns aspectos da materialidade em seu culto:

O fenômeno do gnosticismo, particularmente vivo nos séculos II e III, tem profundas repercussões, não apenas no âmbito teológico, como também no litúrgico. [...] Se antes se colocava a ênfase na própria comunidade reunida em torno do bispo ou do presidente, e a *cathedra* era o centro de gravidade dessa comunidade, a partir de então o altar como lugar do sacrifício vai adquirir relevância cada vez maior. Logo não será uma simples mesa de madeira, mas de pedra, que com o tempo vai evoluir sob muitos aspectos, adquirindo uma gama crescente de significações e desenvolvimentos estéticos. Como disse J. A. Jungmann: 'A história gloriosa do altar cristão tinha começado'.²⁰

¹⁸ *Octavius*, 32.

¹⁹ AROCENA, op. cit., p. 28.

²⁰ BASURKO, Xabier. *A liturgia na era dos mártires*, in BOROBIO, Dionisio. *A Celebração na Igreja*, vol. 01, São Paulo: Loyola, 2002, p. 65.

Outro fator a ser levado em consideração é a reviravolta que ocorre com o cristianismo: de religião perseguida, num prazo relativamente curto, torna-se religião oficial do império romano. Agora em outra posição, o cristianismo não teme mais ser confundido com outras religiões, antes, sente-se no dever de promover um processo de cristianização da sociedade. É o que nos faz saber São Pedro Crisólogo, por volta do V século ao afirmar que “Os templos são convertidos em igrejas, e as aras [pagãs] em altares”.²¹

Além destes fatores, devemos dizer que, para o cristianismo antigo, não deverá ter sido algo totalmente fora de propósito a passagem do altar de madeira para o altar de pedra. Antes, já havia elementos no NT que apontavam para essa concreção do simbolismo Cristo/Altar/Pedra. Com efeito, como já visto acima, a carta aos hebreus dá indicações de que Cristo é o verdadeiro altar²² (Hb 13,10). São Paulo ao falar na sua carta aos coríntios do episódio que narra a história do povo judeu no deserto apresenta a famosa alegoria de Cristo-rocha (*Petra autem erat Christus*: ver 1Cor 10,1-4). O próprio Cristo se define por sua vez como “pedra angular” (Mt 21,23.42) e São Pedro o chama de “pedra viva”, preciosa aos olhos de Deus e que cumpre as antigas profecias (1Pd 2,4.6). O evangelista João vai ainda um pouco mais além, apresentando o Cristo como a rocha donde, após ser golpeada, brota a água viva, o Espírito (Jo 19,34; Jo 7,37-39). De modo que a tradição cristã viu no altar de pedra (Cristo) algo ainda mais fecundo do que as águas que brotavam do Templo de Jerusalém (Ez 47,1-12): do altar cristão, da celebração da eucaristia, brota a água viva do Espírito.²³

Para o que tange a forma do altar cristão antigo, devemos afirmar que este nada mais é do que o desenvolvimento da mesa das refeições comuns, com a diferença de que, devido ao ministro permanecer de pé nas celebrações, sua altura necessariamente teve que ser aumentada. A forma

²¹ PEDRO CRISÓLOGO, Sermo 51: PL 52, 353, apud: GATTI, op. cit., p. 119.

²² “Os Antigos Padres da Igreja, tendo meditado a palavra de Deus, não hesitaram em afirmar ser Cristo a vítima, o sacerdote, o altar de seu sacrifício. Na Epístola aos Hebreus, Cristo mostra-se como o Sumo Pontífice e o Altar vivo do Templo celeste; no apocalipse, nosso Redentor aparece qual Cordeiro imolado, e sua oblação é levada por mãos do santo anjo ao sublime altar”. Ritual da Dedicção de Altar, n. 1.

²³ Dentro desta perspectiva é assaz interessante o altar feito pelo artista Cláudio Pastro para a capela dedicada a Cristo Mestre e situada na casa central das irmãs Paulinas (São Paulo, VI. Mariana – SP). Sob o altar, no pavimento, o artista desenhou de forma estilizada quatro rios, que são uma alusão ao Paraíso e, ao mesmo tempo, à água viva que brota de Jesus-Altar.

mais comum tendia ao retângulo ou quadrado, às vezes com as bordas elevadas – provavelmente para evitar o derramamento acidental do vinho eucaristizado. A plataforma, ou tampo do altar, era apoiada em algumas pequenas colunas que poderiam variar em número. Há também altares que apresentam uma forma circular ou semicircular;²⁴ é provável que esta forma derive de um tipo de divã-mesa usado no IV século chamado *stibadium*.²⁵

Não cabe a nós, nesta breve pesquisa, explorar toda a rica história das formas do altar cristão. Interessa-nos, tão somente, apresentar apenas alguns poucos elementos para uma melhor compreensão deste venerável monumento que é o centro²⁶ do edifício eclesiástico.²⁷ Nesse sentido, outro componente que adquire importância na história do altar são as relíquias dos santos e que acabarão por influir, em muitos casos, na própria forma do altar.

Com o culto aos mártires e santos, por exemplo, surgirá uma modificação: devido à deposição das relíquias dos santos no altar,²⁸ este, muitas vezes, apresentará um lóculo em sua base, guarnecido de uma grade por vezes escavada no próprio material do qual o altar é confeccionado, este artifício era usado para possibilitar aos fiéis o acesso à relíquia do santo. Além disso, para a mesma finalidade, eram muitas vezes construídas escadas de acesso ao nível inferior do altar e que propiciavam a proximidade dos devotos.

Outro fato importante e que ocorrerá um pouco mais tarde, será o surgimento de mais altares dentro das igrejas. A Igreja Antiga conheceu apenas um único altar dentro do edifício eclesiástico. Somente em torno do

²⁴ Um belo exemplo de altar semicircular poderá ser encontrado no afresco datado do século XI e pintado na igreja de Sant'Ângelo in Formis, na cidade italiana de Cápua.

²⁵ Era uma variante tardia do *triclinium*, possuía uma forma de ferradura e geralmente ficava colocada na área externa da casa.

²⁶ Evidentemente não devemos considerar a palavra “centro” sob a perspectiva geométrica, porém mais como o ponto para onde deveria convergir a atenção dos fiéis dentro da ação litúrgica e da arquitetura da igreja.

²⁷ Igualmente é o centro da comunidade cristã, pois entre essas realidades há “uma complexa relação existente entre a comunidade eclesial – templo vivo de Deus em Jesus Cristo – e o edifício igreja no qual esta se reúne periodicamente para celebrar o próprio nascimento na páscoa do Senhor, e viver momentos particularmente intensos da sua existência de ‘povo sacerdotal’. [...] Se poderia dizer, num certo sentido, que as estruturas do edifício terminam por ser uma projeção arquitetônica da eclesiologia de uma época...”. BARGELLINI, Emanuele. *Eclesiologia e tempio*. In *Vita Monastica* [145]. Camaldoli, 1971, pp. 6-31.

²⁸ O uso de celebrar a eucaristia junto à tumba do falecido deverá ter começado como desenvolvimento da celebração do *refrigerium*, o banquete fúnebre de origem pagã. Posteriormente, com o incremento da veneração pelos mártires e a influência do texto de Apocalipse 6,9, a aproximação das relíquias dos santos ao altar foi fazendo cada vez mais estrada.

século VI é que começa a surgir a necessidade de mais altares dentro da mesma igreja; isso se verifica em parte devido ao fato do surgimento da missa como algo devocional no quotidiano de um número cada vez maior de presbíteros na Igreja:

A regra da unicidade do altar, sempre em vigor em todo o Oriente, no Ocidente começou a ser revista desde os tempos de Papa Símaco (514 d. C) e talvez mesmo antes. Para isso contribuiu a freqüência das peregrinações que enchem os santuários, o culto das relíquias dos mártires, e depois também dos confessores, aos quais se dedicavam os altares, o crescente número dos presbíteros que celebravam mais vezes a eucaristia durante o dia devido à afluência dos fiéis ou por devoção pessoal e também a práxis rigorosamente observada no Oriente de não celebrar mais de uma vez ao dia a missa num mesmo altar. [...] De qualquer modo, a multiplicação dos altares levou à difusão das missas privadas, isto é, aquelas celebradas pelo presbítero em sufrágio dos defuntos e para resgatar as severas expiações penitenciais, prescindindo de qualquer consideração da presença e da participação da comunidade.²⁹

Além disto, outro fato importante na evolução do altar é sua relação com a conservação da eucaristia. Devido a uma série de controvérsias sobre a presença real de Jesus na eucaristia, que surgem já na Idade Média, o altar paulatinamente vai se transformando em trono devido à presença da majestade divina. Essa práxis se consolida após o concílio de Trento, em boa medida, por obra de São Carlos Borromeu, que, com a sua autoridade e o seu famoso escrito *De Fabrica Ecclesiae*³⁰ sobre como construir igrejas, impõe essa solução, primeiro para a sua diocese em Milão e, depois, para a Igreja no Ocidente.

Embora a importância do altar fosse algo sempre sentido e defendido, a partir desta época houve certo empobrecimento do altar do ponto de vista visual, já que o mesmo, enquanto monumento, tendia a uma diminuição considerável para dar um lugar mais visível ao sacrário contendo a presença real de Jesus.

²⁹ SORCI, Pietro. *Per una Teologia Dell'Altare*. In VV. AA. *Gli Spazi della Celebrazione Rituale*. Milano: OR, 1984, p. 72.

³⁰ *Instructionum Fabricae Et Supellectilis Ecclesiasticae*. Monumenta Studia Instrumenta Liturgica.

4. O ALTAR: A CAMINHO DO VATICANO II

Dentro da visão oferecida pela história, é possível verificar, em linhas gerais, como o altar passa por uma evolução: da primitiva mesa do Senhor, passa a ser compreendido também como altar do sacrifício, como o lugar memorial-celebrativo do culto aos mártires e lugar do culto à suas relíquias e, em tempos mais recentes na história milenar da Igreja, como lugar da adoração eucarística.

Com o início do século XX, o Movimento Litúrgico trará grandes contribuições para uma maior compreensão do altar. No afã de recuperar o seu sentido, a sua valorização enquanto sinal de Cristo em meio à assembléia³¹ e, principalmente, com sua preocupação por uma maior e mais ativa participação dos fiéis na ação litúrgica, o Movimento Litúrgico resgatou a idéia de um altar voltado para o povo,³² desapegado da parede do fundo do presbitério, pois como se sabe, no início do século XX, a posição do sacerdote em relação ao povo, quando se celebrava a eucaristia, era *versus Deo*,³³ ou, mais simplesmente, de costas para o povo.

Essas experiências e percepções, presentes inicialmente apenas no Movimento Litúrgico, na medida em que iam amadurecendo, se alastravam e iam encontrando certo consenso dentro da Igreja, de modo que em 04 de dezembro de 1963, data da promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, muitas das intuições iniciais do Movimento se fizeram presentes no primeiro documento do Concílio Vaticano II, este dedicado à Sagrada Liturgia. Para o que tange o altar, *Sacrosanctum Concilium* dedica um número de caráter mais prático:

³¹ Essa relação do Cristo-altar e da assembléia foi explicitada posteriormente na Reforma Litúrgica. De fato, lemos no ritual da Dedicção de Altar: “Cristo, Cabeça e Mestre, é o verdadeiro altar; seus membros e discípulos são também altares espirituais, em que se oferece a Deus o sacrifício de uma vida santa.” *Ritual de Dedicção de Igreja e Altar*, nº 2.

³² “[...] Cettina Militello e Burkhard Neunheuser datam a partir do verão de 1921 a primeira celebração eucarística *versus populum* na cripta da abadia de Maria-Laach [...]” AROCENA, op. cit., p. 42

³³ A posição em direção a Deus é muito antiga. Há quem defenda a origem dessa posição por um motivo prático: a celebração nas catacumbas, sobre a tumba do mártir, levava necessariamente o presbítero a ficar de costas para o povo. Sabe-se que o padre Josef Andreas Jungmann apesar de ter colaborado em tantos aspectos notáveis da renovação do rito da missa presente no missal de Paulo VI, preferia esta posição por considerá-la mais antiga e também mais eloqüente. Por outro lado, como a prática pastoral demonstrou, a missa *versus populum* inegavelmente apresenta muitas vantagens.

Deve-se rever quanto antes, de acordo com o artigo 25, os cânones e estatutos eclesiais, bem como os livros litúrgicos, no que se refere ao quadro exterior do culto, *especialmente à edificação das igrejas, forma e construção dos altares*. Reveja-se igualmente tudo quanto diz respeito à dignidade e segurança do tabernáculo eucarístico, [...]. O que não estiver de acordo com a restauração da liturgia deve ser corrigido ou abolido, mantendo-se ou introduzindo-se o que convém.³⁴

Evidentemente, a *Sacrosanctum Concilium* preocupou-se muito mais em oferecer os princípios teológicos-litúrgicos necessários para a reforma da liturgia do que propriamente estipular indicações práticas para a mudança do conjunto da liturgia. A implementação concreta desses princípios teve que aguardar um pouco mais, já que era necessário discutir e esboçar as primeiras diretrizes a serem publicadas através de documentos. Estes documentos do imediato pós-concílio foram o fruto da colaboração recíproca e do trabalho dos maiores especialistas de então, os quais atuavam nas mais diversas áreas litúrgicas.³⁵

Nesse sentido, para o que diz respeito ao altar, dentre outros documentos, após três anos da promulgação da Constituição conciliar, houve a publicação da Instrução *Eucharisticum mysterium*, que dizia respeito ao culto do mistério eucarístico. Essa Instrução, por exemplo, como avanço na recuperação do sinal do altar em sua plenitude, contém indicações aconselhando a não se ter o sacrário no altar onde se celebra a missa, mas em outro local digno. Além do Missal Romano, publicado em 1970, outro documento de grande importância e relativo ainda ao altar é o *Ritual da Dedicção de Igreja e Altar*, este publicado no ano de 1977.

Prescindindo de uma história sobre os rituais da dedicação dos altares,³⁶ o Ritual de 1977 retoma alguns aspectos da milenar tradição da Igreja e apresenta uma estrutura relativamente mais simples e linear, o que não significa de modo algum uma pobreza teológica. Antes, a riqueza de seu

³⁴ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Sacrosanctum Concilium*, n° 128. São Paulo: Paulinas, 2002. Grifos meus.

³⁵ Uma visão panorâmica do trabalho efetuado por esses especialistas, divididos em diversos grupos pode ser encontrada na obra de Mons. Bugnini: BUGNINI, A. *La Riforma Liturgica* (1948-1975). Roma: Edizioni Liturgiche, 1997.

³⁶ Uma visão geral poderá ser encontrada no texto já citado de SORCI, op. cit., 77ss.

conteúdo teológico está expressa de modo admirável não somente através dos seus textos – eucologias, leituras bíblicas, cantos – mas também por meio dos gestos rituais. A título de exemplo, pensemos na eloquência do gesto ritual da unção do altar com o crisma: como não pensar no “Ungido” por excelência que é o próprio Jesus?

Uma leitura atenta dos *Praenotanda* e dos textos eucológicos do Ritual mostra com qual riqueza de significados é apresentado o altar. Ora este é apresentado como sinal de Cristo Sacerdote,³⁷ sinal da cruz de Cristo,³⁸ sinal do altar ritual,³⁹ sinal de altar espiritual dos membros de Cristo.⁴⁰

Cabe lembrar que a riqueza de gestos rituais presentes na atual celebração de dedicação do altar, mais do que uma “fetichização” ou “sacralização” da matéria, seja esta do altar ou da igreja construção, querem na realidade exprimir um fato muito mais profundo, como já observara o grande liturgista Salvatore Marsili: “De modo que enquanto o rito é feito, em seu gesto exterior, sobre um ‘objeto’ ou um ‘lugar’, na realidade com este se quer atingir a ‘pessoa’ coletiva da comunidade, que está significada pelo objeto”.⁴¹

De fato, no ritual de dedicação presente no pontifical anterior à reforma do Vaticano II, havia uma tendência a sublinhar alguns aspectos relativos apenas à sacramentalidade do altar, já que a realidade dos gestos sacramentais era percebida como que descolada da assembléia, do momento que a participação ativa da comunidade celebrante era muito mais frágil.

CONCLUSÃO

A partir desta perspectiva, a presença arquitetônica do altar como referência à presença do Cristo em meio à comunidade eclesial, deveria reforçar a consciência dentro da própria comunidade dos fiéis, de sua pertença a

³⁷ “Santificai, Senhor, por vossa virtude, este altar, ungido por nossas mãos, e por sinal visível manifeste-se o mistério de Cristo, que se ofereceu ao Pai para a vida do mundo”. *Ritual de Dedicação de Igreja e Altar*, n° 49.

³⁸ “Moisés, mediador da antiga Lei, edificou um altar que, aspergido com o sangue do cordeiro, misticamente prefigurava a ara da cruz”. *Idem.*, n° 48.

³⁹ “Por conseguinte, o altar é a mesa do sacrifício e do banquete; nela o sacerdote, tornando presente o Cristo Senhor, realiza aquilo mesmo que o Senhor fez e entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória”. *Idem.*, n° 3.

⁴⁰ Ver nota 31.

⁴¹ MARSILI, S. *Dedicazione senza consacrazione*. In *Rivista Liturgica* 66 (1979), p. 599.

um povo profético, de estirpe real e que, por possuir um sacerdócio santo, deve oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo (1Pd 2,5). De fato, toda vez que a comunidade se reúne em torno do altar coloca-se no seguimento de Cristo imolado e na medida em que ela própria aprende a se oferecer ao Pai, por meio do Cristo no Espírito Santo, ela realiza o culto agradável a Deus.

Esse culto poderá ser realizado plenamente na medida em que a comunidade haure do altar as forças necessárias para a seqüela de seu Mestre, já que é desse espaço que lhe é ofertado o alimento eucarístico.

Nesse sentido, ao se construir uma igreja e ao se confeccionar o altar, os responsáveis pela construção deveriam ter como grande inspiração e modelo fundamental para a sua construção: a *mesa do Senhor*.

Ao observar os elementos da história e da liturgia, deveríamos aprender a valorizar ainda mais o sinal do altar em nossas igrejas, evitando todo o luxo desnecessário e primando pela eloqüência da beleza dos materiais e das formas, para que, deste modo, o altar – e também o edifício eclesiástico – possa ser não apenas uma realidade funcional, mas sinal evidente de presença das realidades místicas do Cristo Ressuscitado e de sua Igreja.

BIBLIOGRAFIA

- AROCENA, Félix Maria. *El Altar Cristiano*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2006.
- BOROBIO, Dionisio. *A Celebração na Igreja*. São Paulo: Loyola, 2002.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins fontes, 2008.
- GATTI, Vincenzo. *Liturgia e Arte*. Bolonha: Centro Editoriale Dehoniano, 2002.
- MOHR, Gerd Heinz. *Dicionário dos Símbolos*, São Paulo: Paulus, 1994.
- VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo*. São Paulo: Academia.
- VV. AA. *Gli Spazi della Celebrazione Rituale*. Milano: OR, 1984.
- VV. AA. *L'Altare*. Magnano (Itália): Qiqajon, 2005.
- VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.